

VIAGEM NO ESPAÇO E NO TEMPO EM S. ROMÃO DE NEIVA

Guia para visitantes

1. Introdução

S. Romão de Neiva é uma pequena aldeia minhota cuja história (iniciada em 1087, ou mesmo antes) anda ligada muito de perto à presença dos monges beneditinos. Ao longo dos séculos a sua população dedicou-se, especialmente, à agricultura. Actualmente, os sanromanenses distribuem-se por todas as actividades do nosso tempo, com um número crescente de homens e mulheres formados nas nossas instituições de ensino superior.



Ilustração 1 - Centro Social e Paroquial e capela de Santa Ana

Em 1133, D. Afonso Henriques concedeu por foral as terras agora representadas por S. Romão de Neiva, Alvarães, Chafé e Vila Nova de Anha, à Ordem de S. Bento, que as administrou até 1834, ano em que o Governo extinguiu as ordens religiosas e confiscou o seu património. Durante esse longo domínio beneditino, eram os monges quem tudo administrava, e, por isso, nunca houve no território sob sua alçada, outros proprietários, fossem eles ricos senhores de terras ou membros da nobreza. É em resultado disso, que em S. Romão não existem grandes propriedades que nos seus espaços integrem palácios ostentosos como aqueles muitos que existem noutras regiões do Minho. Em vez disso, o que cá se encontra

em termos de arquitectura com algum significado, são edifícios relacionados com a Igreja.

2. Património arquitectónico

O mais importante monumento aqui existente é o complexo beneditino setecentista representado pela igreja e pelo convento contíguo. O templo é uma obra magnífica de sólida estrutura granítica com paredes de três metros de



Ilustração 2 - Fachada poente do Mosteiro

espessura. Tem uma nave central e dois altares laterais de alguma profundidade. Por detrás do altar-mor ergue-se um precioso retábulo, construído em 1665 para o mosteiro de S. Martinho de Tibães, e transferido em 1755-6 para S. Romão, devido à remodelação a que foi submetida a casa-mãe dos beneditinos portugueses. Igualmente valiosos são os retábulos dos altares laterais. Também de Tibães vieram na mesma altura algumas imagens de santos – S. Bento, Santa Leocádia, S. Gregório Magno e S. Leonardo – em tamanho natural, além de uma expressiva imagem da Visitação.

Também notável neste monumento é a sua extraordinária acústica, cada vez mais aproveitada nos nossos dias, pelo actual Pároco, para a promoção de concertos de música coral e filarmónica, que atraem amantes da música locais e das freguesias vizinhas.

O mosteiro situa-se no sopé do Monte do Crasto, em cujo cimo foi erigida pelos monges, em data incerta, uma minúscula ermida dedicada a Nossa Senhora. Diz-se que era nela que os frades iam diariamente rezar as vésperas e contemplar a vastidão do Oceano Atlântico. Em 1935, foi ligeiramente ampliada, encontrando-se actualmente muito bem zelada e atraindo muitos crentes que aqui se deslocam para pagar promessas e fazer romaria, especialmente

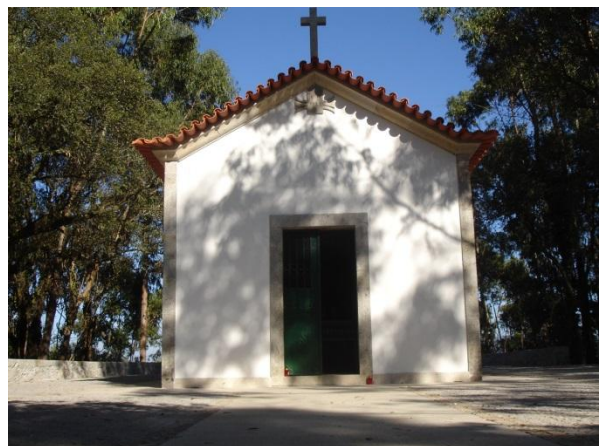


Ilustração 3 - Fachada poente da ermida

em 15 de Agosto, dia da festa anual..

Para ligar o mosteiro à capelinha, foi recentemente construído um escadório em que, como não podia deixar de ser, se utilizou o granito como material prioritário. Conta com mais de 180 degraus, interrompidos por patamares construídos de forma a respeitar a orografia local e valorizados por painéis laterais



Ilustração 4 - O escadório

com cenas bíblicas pintadas em azulejo.

A poente da capela da Senhora do Crasto, estende-se um vasto espaço com um coreto ladeado a poente por bancadas em anfiteatro, destinados a celebrações

religiosas, espectáculos

musicais, reuniões de família ou de empresas, etc.. À sua construção presidiu sempre um elevado grau de respeito pelo ambiente, expresso, por exemplo, no facto de o próprio palco estar assente em rochedos aí existentes, havendo outros, ao lado esquerdo, servindo como que de guardas inamovíveis aos acontecimentos que se vão desenrolando no estrado.

Este espaço dispõe de um pequeno bar, uma cozinha, instalações sanitárias e dois espaços para grandes refeições, um ao ar livre e outro coberto, este com capacidade para mais de 300 pessoas sentadas.

Os visitantes que chegarem a este local de carro encontram amplos espaços para estacionamento.



Ilustração 5 O palco, vendo-se as bancadas ao fundo

3. Caminho de Santiago

Desde a Baixa Idade Média, S. Romão de Neiva tem feito parte do trajecto seguido pelos peregrinos que, vindos do sul, se dirigem a Compostela. Em tempos distantes, era no convento que encontravam alojamento e eram tratados das

mazelas causadas pela caminhada. Entravam em S. Romão pela antiga ponte de madeira que atravessava o rio Neiva no limite sul da freguesia e daí continuavam para norte, fazendo parte do seu percurso pela velha estrada romana, ainda hoje existente. A certo ponto, há uma bifurcação para nascente, conhecida por Caminho da Atalaia. O nome deste caminho deve-se, com certeza, ao facto de naquele ponto se proceder à vigilância que pudesse evitar assaltos aos peregrinos, frequentes vítimas de roubos e violências. Era pelo Caminho da Atalaia, que os peregrinos do passado se dirigiam para convento beneditino, onde encontravam a hospitalidade dos monges, descansavam e recuperavam forças para os cerca de



Ilustração 6 - Pedra lavrada no Caminho de Santiago

250 quilómetros que os separavam do santuário de destino. Perto da referida bifurcação há uma pedra lavrada com uma cruz certamente indicativa do caminho compostelano. Está parcialmente mutilada no lado esquerdo, mas sem dúvida com alguma história interessante para nos contar.

Seria interessante averiguar-se se foi por este caminho que personalidades importantes da vida portuguesa passaram nas suas peregrinações para Compostela: em 1220, D. Afonso II, 3.º rei da 1.ª dinastia, em 1258, D. Afonso III, em 1325, D. Isabel de Aragão, mais tarde Rainha Santa Isabel, acabada de enviuar pela morte do marido, o rei

D. Dinis, 6.º rei de Portugal, em 1385, S. Nuno Álvares Pereira, e tantos outros. Averiguar quem, de facto, calcorreou estes caminhos é um desafio tentador para os jovens destas redondezas que, no ensino superior estejam a seguir estudos históricos.

É um pouco mais adiante, à direita do Caminho de Santiago, que fica o Monte do Crasto, onde os peregrinos dos nossos dias, que por ali passam em grandes e frequentes grupos, podem aproveitar para fazer uma paragem de descanso.

4. Arqueologia

Como toda a região minhota em que se encontra, S. Romão de Neiva também pode oferecer aos visitantes alguns exemplos arqueológicos, sinais indicativos de que foi zona procurado por povos primitivos. Alguns desses achados foram inadvertidamente mutilados, ou mesmo destruídos, não por vandalismo, mas por os que o fizeram, na sua simplicidade, não tinham consciência da importância desses monumentos de gerações longínquas dos seus antepassados. Estão neste caso algumas antas que se sabe terem existido, mas as suas pedras estão hoje

utilizadas em muros ou outras construções. Uma, porém, ainda subsiste e está bem preservada, na cerca de uma empresa de confecções, que, entretanto, foi encerrada.



Ilustração 7 - Sepultura romana

De algum significado é também uma sepultura romana, lamentavelmente em estado de completo abandono, perto da margem direita do rio Neiva, no Lugar da Ferrelha.

Achados como este demonstram que o

lugar foi procurado e habitado em épocas

muito remotas; por isso, não causa surpresa aquilo que de vez em quando se ouve sobre já terem sido encontrados restos de cerâmica e objectos metálicos. Os arqueólogos têm oportunidade de aqui descobrir coisas em terrenos que há muitíssimos anos se mantêm intocados, guardando, possivelmente, no seu seio muita da história local que espera por ser narrada.

5. **Fr. Jerónimo Baía, poeta barroco**

Entre os monges que através dos séculos passaram pelo convento de S. Romão de Neiva, há um que se destaca e cujo nome ficou para a posteridade: Fr. Jerónimo Baía. Nascido em Coimbra, entre 1620 e 1630, lá estudou e em Lisboa e professou no convento de S. Martinho de Tibães. cedo revelou capacidades de versejador, frequentou a corte no reinado de D. João VI, que o nomeou pregador régio, acabando os seus dias, em 1688, em S. Romão.

Está sepultado no claustro do convento, que agora pertence a privados. Para visitá-lo, é necessário obter autorização dos proprietários.



Ilustração 8 - O túmulo do poeta